

A *Verleugnung* e as *fake news* do pensamento¹

The Verleugnung and the fake news of the thought

Paulo Sérgio Lima Silva*

Resumo

O objetivo deste artigo é abordar o mecanismo da *Verleugnung* (Recusa), o fetiche e a crença a ele associados, bem como desenvolver a proposta de que esse mecanismo não é exclusivo da perversão, sendo encontrado também em neuróticos (Lebrun e outros autores). Três vinhetas clínicas ilustram o trabalho.

Palavras-chave: *Verleugnung*. Recusa. Crença. Fetiche. Perversão. Neossujeitos. Mãe fálica.

Abstract

The aim of this article is to approach the mechanism of Verleugnung (Disavowal), the fetish and the belief associated to it, as well as develop the idea that it isn't exclusively found in the perverse structure, but also among the neurotic ones (Lebrun and other authors). Three small reports are brought to illustrate the article.

Keywords: *Verleugnung*. Disavowal. Belief. Fetish. Perversion. Neo-individuals. Phallic mother.

¹ O artigo com pequenas modificações foi apresentado em mesa de debate no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 2023.

* Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro Aderente e Supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. pslimasilva@terra.com.br

Introdução: a recusa, crenças e fetiches

Neste trabalho vou me debruçar sobre um mecanismo de defesa muito disseminado, que aparece na clínica com frequência, mas nem sempre de fácil reconhecimento. E, acrescente-se, implica um difícil manejo por parte do analista. Guarda alguma semelhança com as habituais repetições dos pacientes, pelas “teimosias”, digamos assim, exibidas em alguns comportamentos e crenças, mas delas se diferencia. Trata-se da *Verleugnung*. Este mecanismo que traduzo aqui como recusa (existem outras traduções: desmentido, renegação, repúdio) foi pensado por Freud desde os *Três ensaios*, abordado no *Da Vinci*, na *Grádiva* e na *Organização genital infantil*. Mas em 1927, no *Fetichismo*, se esclarece com mais nitidez o sentido do mecanismo como recusa da castração remetendo, portanto, à sexualidade no seio da situação edípica. O menino (no caso erigido como modelo) quando toma conhecimento da ausência do pênis nos genitais femininos, invadido por uma angústia ao temer a possibilidade de perda do próprio membro, é levado a recusar sua própria percepção; o objetivo desta defesa é conservar sua *crença* na existência do falo na mulher. Diz Freud: “não é verdade que mantém intacta sua crença na existência do falo feminino. Sem dúvida a conserva, mas também a abandona. Trata-se de uma crença dividida” (1927/2022, p. 305). Essa afirmação, no artigo de 1938 se apresentará como cisão do eu.

Todo este movimento desencadeia uma defesa bastante original e trabalhosa. Por um lado, ao sustentar a percepção de uma ausência (ele *sabe* que não viu) mantém um contato com a realidade, o que sugere um afastamento significativo da psicose, diria Rabant (2011). Por outro lado, configura o chamado *fetich*, dispositivo renegador da castração, classicamente ilustrado no valor fálico atribuído às peças íntimas, aos pés, aos sapatos, etc..., tal como enunciado por Freud (1927/2022). Crenças e fetiches! Este, o fetiche, é materializado em um objeto concreto; mais adiante será enfatizada e aprofundada a ideia de crença como algo imaterial (imagem ou pensamento) desenvolvido por Mannoni (1979) em seu famoso artigo *Eu sei, mas mesmo assim*. A segunda parte da afirmação “mas mesmo assim” supõe uma crença e indicaria a manutenção do investimento que contradiz a realidade: existe algo com valor igual àquilo que supostamente estaria perdido. Não houve perda, portanto. “É algo mágico”, afirma Mannoni. Nesse caso há uma espécie de “delírio”, um afastamento da realidade.

Uma palavra sobre as crenças: naturalmente elas abarcam um campo bastante vasto da experiência humana. Iria desde crer em um Deus, passa pelo

investimento, por exemplo, na psicanálise e seu poder de cura até, para nos restringirmos à formulação absurda mais recente de que a terra é plana. Ou seja, há que se distinguir entre uma associação a um sistema simbólico coerente e fidedigno como a religião, a ciência – que até podem ser contestados – e a associação às magias, falácias, mentiras, ilusões, ideologias que se distanciam de uma visão clara e organizada do mundo.

Seguindo outro referencial, pode-se, de acordo com Chreim (2021, p. 93), distinguir “as crenças derivadas do narcisismo primário, que são expressão de um funcionamento psíquico mais arcaico e outras que alcançaram maior nível de simbolização e estão ligadas ao narcisismo secundário”. Claro que as crenças cumprem um objetivo no sentido de proteção. Ainda citando a autora: “têm a função de preservar o narcisismo de tudo que pode feri-lo, especialmente diante das facetas da castração que mais nos ameaçam: o desamparo afetivo, nossa finitude e nossa fragilidade” Escusado dizer, entretanto, que neste artigo, ao acompanharmos Freud, Mannoni e outros, focalizamos aquelas crenças que se desenvolvem como uma defesa radical frente a algo vivido como insuportável e pressupõem uma contestação de caráter irracional e radical da realidade (apesar de esta ser reconhecida).

Esta defesa então produz, como Freud aponta, uma clivagem e sugere um conflito não entre consciente e inconsciente, mas entre duas partes do eu, sendo habitualmente associado à perversão.

Retornando à abordagem freudiana, a principal questão que suscita diz respeito a por que a descoberta da diferença dos sexos entre alguns meninos desencadeia uma vivência de catástrofe psíquica. Embora comum na infância, esta defesa, para Freud, se mantém em alguns casos, ao longo da vida como um dos mecanismos predominantes na organização de seus psiquismos. A tentativa de responder aos porquês dessas “escolhas” envolve território problemático. Mas com uma movimentação no tempo do desenvolvimento pode-se tentar esboçar algumas possibilidades; os analistas kleinianos, por exemplo, buscaram inscrever o fetichismo no contexto da relação primitiva com a mãe. Em especial aqui, siga as hipóteses sugeridas por Roussillon (1999) por sua clareza didática.

Uma outra visão: o regressivo e o relacional

A recusa da ausência do pênis na mulher – modelo da primeira versão – remete a uma cena mais primitiva: às falhas graves no processo de desilusão, cha-

memos assim, ditadas pelos movimentos de diferenciação e individuação. Estes são responsáveis por uma progressiva consciência da separação do bebê com a mãe e, portanto, com o rompimento de uma relação simbiótica. Elejo este momento, de modo exageradamente pontual, como momento paradigmático para a instalação de vivências traumáticas. Corresponderia à chamada fase ou posição depressiva no sistema de orientação inglesa. Algo de uma onipotência se quebra: o objeto não é perfeito (como ocasionalmente concebido) nem tão poderoso. Em contrapartida, o narcisismo de *Sua Majestade o bebê* (FREUD, 1914/2010), ao espelhar essa nova realidade, ativa vivências de desamparo, fragilidades, vulnerabilidades, etc. Porém, se o objeto está presente, se ampara, se consola, se atende às necessidades de modo suficientemente bom, o eu em formação tolera a dor e aos poucos a integra, de algum modo, como um dos aspectos da condição da vida.

Para resumir, apelo às palavras de Roussillon: a descoberta catastrófica que se apresenta mais tarde, a cena da percepção da suposta “castração”, “se utiliza da sexualização para tentar uma simbolização na ordem da diferença sexual. A solução fetichista sutura deste modo a clivagem anterior que afetaria a subjetividade e produz uma representação que liga e cicatriza a clivagem, mas ao preço da renúncia... da simbolização psíquica” (1999, p. 30).

Enfatizo que o fator relacional aí ganha especial relevância. Se por razões diversas (ausência do objeto, depressão, inabilidade excessiva, frieza emocional) se instala no relacionamento primitivo, uma situação vivida como traumática, vão ser exigidas defesas para fazer face à desorganização e, em alguns casos, à vivência desesperada da agonia. Psicopatologias variadas podem ser engendradas neste momento: regressão a estados anteriores, produção de severos distúrbios narcísico-identitários, fixação a algum grau de depressão e, na melhor das hipóteses, movimentos que construirão mais adiante as chamadas neuroses, etc. Algumas experiências traumáticas não elaboradas vão tentar ser reintegradas na subjetividade utilizando as possibilidades de ligação conferidas pela excitação sexual, como apontado anteriormente, nas palavras de Roussillon. Um exemplo seria o masoquismo que de modo muito simplificado poderia ser traduzido pela fórmula “o mau vira bom”, ainda na expressão de Roussillon (1999).

Outro viés destas tentativas de elaboração (pois é de elaboração que se trata) é justamente o fetiche: o objeto concreto ou mesmo sob uma forma fantasiosa de uma crença se torna excitante, revestido de uma aura de atratividade e promessa sedutora. Alguns exemplos mais adiante trarão ilustração convincente.

Uma ressalva importante: no texto seminal de Mannoni a crença e sua magia são apresentadas de modo diferenciado do conceito de fetiche. O autor afirma categoricamente: “crença não é fetiche” (1979). Este último implica, como já afirmei, a materialidade de um objeto. Claro que a crença pode encontrar apoio em pequenos objetos significativos incluídos, digamos, na categoria “fetiches leves e cotidianos”: um amuleto, um “santinho” ou, se os estendermos aos temores fóbicos, ao tranquilizante sempre mantido no fundo da bolsa ou no bolso do paletó. Estes dispositivos “momentâneos” são recriados à imagem de objetos transicionais reasseguradores, mas que isoladamente se mantêm disponíveis ao uso em situações de ansiedade (CHREIM, 2021). O fetiche remete a uma crença, mas a crença ganha autonomia em relação a ele; embora seja possível pensar que dele, fetiche, guarde um sabor considerável, na medida em que de modo imaterial (pensamentos, imagens) conserve suas funções.

Focalizando ainda o fetiche, gostaria de acrescentar que este mesmo excitante, é opaco, apesar de, reeditando as palavras de Figueiredo (2003, p. 70) “concentrar um saber intenso, fascinante e quase hipnótico, capaz de produzir um efeito de ofuscamento que deixa os pacientes como assolados pela escuridão que é gerada pelo excesso de luz”. Exatamente o contrário, acrescento eu, da luminosidade vinda da fenda cantada por Cohen, tema do ano passado do CPRJ. Esta luminosidade sim, viabiliza os deslizamentos, a criatividade e a luz verdadeira do *insight*. O processo de simbolização, no caso da recusa, deixa núcleos estancados, produzindo na clínica a repetição de relatos imutáveis em que certo saber se erige como obstáculo quase intransponível aos processos de transformação.

Perversões e fobias: diferenças e aproximações

Retornando à organização das psicopatologias, ao lado das perversões dou destaque também às primeiras defesas fóbicas e esclareço o porquê. Apesar de evoluírem de modo bem diferenciado, alguns autores, notadamente na moderna escola francesa, apontam para alguma aproximação entre elas (CHEMAMA, 1994).

Nas fobias graves (existem as leves e passageiras) a busca de um Grande Fiador onipresente (PEREIRA, 1999) se concretiza na figura do chamado acompanhante, sempre revestido de forte coragem e segurança; a contrapartida é o empobrecimento do eu do fóbico, esvaziado progressivamente de sua capacidade de enfrentar os seus temores. Uma vez unido ao Grande Fiador, se

cria uma parceria supostamente salvadora, mas sempre de caráter simbiótico e com tonalidades perversas.

A proposta de um apelo a um Grande Fiador na verdade remete a Freud que ao estudar a vertigem (entre outros sintomas) na neurose de Angústia, afirmou: "os acessos de vertigem, de soluços, tudo se dirige a uma outra pessoa, mas sobretudo a este Outro pré-histórico, inesquecível, que ninguém mais tarde consegue igualar (carta a Fliess de 06/12/1896 *apud* PEREIRA, 1999, p. 263). Interessante a citação pois aí fica evidente nas intuições freudianas o aspecto relacional e regressivo do sintoma. Este aspecto foi menos explorado por Freud, porém mais adiante será desenvolvido por outros autores na construção da estrutura perversa e no uso da recusa.

Gostaria de sublinhar que, em princípio, o apelo no estado fóbico em seus momentos mais agudos implica um limite: "por não ser psicótico, o indivíduo sofrendo de pânico não se ilude quanto aos limites reais do poder de seu protetor encarnado" (PEREIRA, 1999, p. 264). Por isso, sempre fica um resto de angústia. Mas se se entrega desmesuradamente à ilusão, esse limite pode se dissolver.

Para este tipo de acasalamento se encaixam à perfeição as palavras de Roussillon (1999, p. 93) na descrição da humilhação perversa: trata-se da "abdicção de sua própria alteridade, de sua subjetividade singular; é tender a realizar a morte em sua existência como sujeito separado para se colocar sob jugo de um mestre", no caso, o acompanhante.

Como diz Melman (1994, p. 124) nesses casos de fobia, como nos de perversão, "a castração não é um bom negócio". Embora com humor e ironia completa: "mas quem pode condená-los por pensar assim?"

Enfatizo que em ambos os casos, guardando-se as devidas diferenças, há a tentativa de recriação de uma simbiose de uma unidade narcísica regressiva de há muito perdida; e esta ótica fortalece a hipótese das raízes mais antigas, não destacadas por Freud, nas duas estruturas.

A faceta comum da perversão

Antes de desenvolver as três vinhetas clínicas, adianto que nelas não se trata de pacientes perversos *stricto sensu*; não são fetichistas, mas sim arraigados a crenças significativas que imobilizam parte de suas vidas. Poderia incluí-los na categoria neossujeitos, criada por Lebrun em seu livro *A perversão comum*. Uma digressão esclarecedora se faz necessária:

Freud no *Compêndio de psicanálise* (1938/2022a) relativizou o funcionamento fetichista sugerindo que este não seria exclusivo da perversão. Mas coube a outros autores explorar com mais fecundidade esta nova dimensão (Mannoni, 1979, Penot, 1992, Bass, 2000, por exemplo). Chreim (2021, p. 24) chega mesmo a afirmar que “Mannoni democratizou a recusa como um fenômeno não patológico”.

A severidade e o peso atribuídos à patologia perversa foram então se modificando no decorrer do século XX. Por um lado, como apontei, devido à pesquisa teórica e clínica da psicanálise; por outro, devido às modificações dos critérios morais, tornados mais flexíveis e “compreensivos” em relação aos comportamentos humanos não tão convencionais.

Uma ilustração significativa mais recente reside na proposta da escola francesa de psicanálise, sobre a existência de traços de perversão: estes relativizam a rigidez da conceituação clássica de perversão, podendo ser encontrados nas diversas estruturas e patologias clínicas sob forma de crenças e comportamentos parciais; e não são tão determinantes no desenvolvimento do indivíduo como no caso da perversão *stricto sensu*. E, de certo modo, também se afastam do investimento fetichista. Indo nesta mesma direção, Lebrun, no livro citado, dá uma abrangência à patologia perversa tornando-a, como indicado no título de sua obra, uma característica “comum” e facilmente encontrável na contemporaneidade, naqueles a quem cunhou, como foi dito, como neossujeitos. Estes se caracterizam por não aceitar perdas, em ter dificuldades de assumir responsabilidades, se reger pela onipotência e narcisismo e viver algum tipo de impasse frente às regras e à lei. Também são imediatistas, buscam nos excessos a garantia de um sentimento de realidade, se guiam por uma prevalência da imagem que não funciona “como um degrau rumo à fala” (LEBRUN, 2008) e obedecem à injunção superegoica que vocifera: “goza”!

Esse perfil, de um certo tipo de subjetividade, abordado na obra de Lebrun, também pode ser confirmado em outros autores, mesmo que com uma gramática diferente, como por exemplo em Lasch (1983). Este, ao denunciar uma cultura do narcisismo na contemporaneidade, coincide em vários pontos com o que é desenvolvido na perversão comum (LEBRUN, 2008). Opto aqui por me apoiar na proposta de neossujeitos pois aí Lebrun inclui o mecanismo da *Verleugnung* e seu uso disseminado, aspecto que me propus a explorar nesta exposição.

Retornando aos neossujeitos: a que se deveria esta “nova” caracterização subjetiva? Segundo Lebrun, a “queda” do patriarcado teria precipitado uma

crise na função da autoridade, aspecto visível tanto no social quanto dentro das famílias, ponto de vista que é compartilhado com Lasch (1983). Na sua percepção, apesar de se colar em demasia na figura do pai real, a fragilidade ou mesmo a ausência de uma função dita paterna, teria favorecido um certo vácuo na organização social. Mesmo que se reconhecendo que esta função teria, com frequência sido exercida sob a égide do exagero e da arbitrariedade. Chega a afirmar que na modernidade então o "sujeito tende a se sustentar no vazio" (LEBRUN, 2008).

Nessa configuração, forjada na chamada cultura do narcisismo, desenvolveram-se então subjetividades imersas num imaginário com débil moldura simbólica. Seguindo uma fórmula algo simplificada, poder-se-ia dizer que a caracterização desses sujeitos, no pensamento de Lebrun, seria derivada diretamente da falência de uma função paterna em âmbito social.

A constituição dos neossujeitos não teria como causalidade então a construção freudiana original de 1922 a respeito da perversão. Nem necessariamente seriam consequência de traumas regressivos (ROUSSILLON *et al.*, 2018). Mas teriam como suporte a existência de um outro, como enfatiza Manoni, mas no caso o outro presente em parte da linguagem e de alguns códigos sociais na contemporaneidade. Estes podem expressar desde a insensibilidade com o semelhante, a intolerância com as diferenças podendo chegar mesmo ao desrespeito à vida humana. "É preciso levar vantagem em tudo" apregoava uma propaganda feita na mídia por um ídolo das massas. Também "*Just do it!*", slogan de uma grande empresa de material esportivo, tomado como incentivo à impulsividade.

Eles são, em princípio, neuróticos, ou seja, teriam se beneficiado do recalque originário em sua constituição, mas sofreriam de fragilidades nos recalques secundários. Estes, como se sabe, são os que organizam o pré-consciente e a consciência e permitem o adiamento do prazer, a extensão da espera, a tolerância à frustração e o desenvolvimento do processo do pensar. Se ausentes ou débeis na cultura, ficam abertas as portas para a adesão às crenças, sendo gestados indivíduos aptos para o uso do mecanismo da recusa que prestigia as *fake news* em seus pensamentos cotidianos. Nelas estaria presente também a busca por soluções existenciais fáceis e/ou por figuras onipotentes salvadoras. Sei que o termo *fake news* normalmente aponta para movimentos mentirosos disseminados em especial nas redes sociais. Mas faço aqui um deslizamento do *topos* habitual para designar a parte do mundo intrapsíquico ilusório e distorcido daqueles que se recusam a lidar de modo integral com as informações que a realidade oferece.

Essas hipóteses com raízes sócio-político-históricas, dão o que pensar. Entretanto fica o registro do tom nostálgico do autor, árduo defensor da função paterna no âmbito da psicanálise, função estruturante, mas em grande parte materializada, em seu entender, na figura do pai real. Defende que “o modelo vertical, a estrutura piramidal deve ser inteiramente repensada... para que advenha uma sociedade... com estruturas abertas... mas nem por isso”, acrescenta, “devemos crer estar livres das questões de autoridade e hierarquia” (LEBRUN, 2008, p. 249). E alerta para os perigos de cairmos num “arcaísmo matriarcal”. Como se ele não pressentisse os tempos de transição que vivemos, mesmo que não fique clara ainda a direção para onde caminhamos.

Ilustrações clínicas

Alcides, 58 anos, não trabalha há muitos anos, vivendo sozinho graças aos rendimentos que a ex-esposa lhe deixou ao se separarem. A quantia legada é expressiva, pois ela operava com sucesso no mercado financeiro, garantindo ao paciente uma rotina de vida satisfatória. Ele vai à academia e surfa quase todos os dias e se dedica a um esporte radical algumas vezes no mês. A sua “angústia”, em suas palavras, deriva do fato de saber que essa quantia vai acabar em três ou quatro anos; mas não faz nada, não toma nenhuma providência, a não ser buscar terapias psicológicas, sempre usando as desculpas mais diversas para sua inércia. Essas terapias são sempre interrompidas. Parece que costuma deixar terapeutas angustiados, tendo alguns deles incluído sugestões sucessivas de trabalho, trazendo para as sessões recortes de jornal sobre possibilidades de empregos como incentivos à sua atividade.

Ele sabe que o dinheiro vai acabar, mas acredita que algo bom vai acontecer, como “ganhar na megasena” ou aparecer um oferecimento generoso inesperado.

Seleciono uma ou duas características sobre sua história pregressa: descreve o pai como fraco, quase um “banana” e a mãe como poderosa, que ditava as regras da casa. Conta que foi mau estudante, tendo repetido o ano várias vezes. Bem jovem, bebia muito, tendo batido o carro em três momentos, sempre em estado de embriaguez. Mas através da intercessão salvadora da mãe, o carro destruído foi repostado... nas três vezes.

Abelardo, 30 anos, único homem entre quatro irmãos, pertence a abastada família com grandes recursos financeiros. Os quatro vivem a expensas do pai, autoritário e poderoso, que delega ao meu paciente a tarefa de administrar o pa-

trimônio e futura herança. O dinheiro e o acúmulo de riqueza constituem valores máximos no cotidiano da casa, sendo todo o resto desvalorizado, reduzido a “merda” nas palavras do pai, aí incluídas as tentativas de Abelardo de se afirmar numa atividade de que gosta e onde ensaia desenvolver suas inclinações criativas.

Sabe que, substituindo o pai, sendo, como diz, o seu “clone”, se envolve cada vez mais em negócios obscuros, cheios de dívidas e inúmeros processos na Justiça. Tudo está agora em seu nome e, em certo sentido, ele agora se confunde com esse pai, passa a ser ele. Por vezes raivoso, confessa se sentir a “putinha” do pai, mas não nega que ser por ele considerado o “príncipe” de um rei tão amado e poderoso lhe seduz, apesar de imobilizar os seus interesses.

A figura do “príncipe” tende a se tornar tão proeminente pois sua mãe, bela mulher, mas distante, narcísica, fria e fútil parece ter tido dificuldades em construir satisfatoriamente a Majestade do Bebê Abelardo, criança desde cedo angustiada e cheia de conflitos.

O “*pãe*” (mistura de pai e mãe, assim descrito pelo paciente) veio salvá-lo dessa precariedade, por um lado configurando uma vivência que lhe era devida na história do seu desenvolvimento. Por outro lado, o filho do rei cumpre a função de imortalizar o soberano, ao preço de ter que renunciar aos seus princípios, valores e desejos, ou seja, à sua própria identidade.

“Não quero amanhã, não quero futuro, quero que tudo fique igual”, diz Abelardo, se imobilizando num presente repetitivo e monótono. Mas no seu “hoje” está aparentemente tudo sob controle, sem incertezas, sem riscos, sem os perigos de “tudo ruir” (*sic*).

“Recusar o tempo”, nos diz Ferraz (2010) “é recusar o próprio princípio da realidade”. Mas esta se intromete na defesa do paciente que se abala com informações do cotidiano de sua vida. Como, por exemplo, com as datas de seu aniversário (vividas com angústia) ou com a insistência por parte da jovem com quem vive para formalizar, através de um casamento, a relação que mantêm há anos. Ou quando ela fala em filhos. Ambas, para ele, propostas impensáveis, apesar de querer que fiquem juntos até a velhice. Esses seus “não pensamentos” tornam-se enxaquecas crônicas; mas também a estas se recusa a crer que possam ter um sentido. “São neurológicas”, insiste. Mas ele sabe que seus neurônios funcionam a contento, sendo por vezes, capaz de falar com clareza sobre suas defesas em sessões de análise. Quando, paradoxal que pareça, se mostra lúcido e sensível. O lado “eu sei” funciona bem, faz aliança nas sessões de análise. Mas o “mesmo assim” se mantém.

Seleciono como terceira vinheta uma paciente do sexo feminino. Ressalto que para alguns autores a mulher ficaria excluída da estrutura perversa, pois

não teria sofrido o mesmo impacto que alguns meninos sofreram na diferenciação entre os sexos. Ela seria, portanto, uma representante, assim como os outros dois relatados, daqueles a quem Lebrun designou como neossujeitos – e estes utilizam em profusão o mecanismo da recusa.

Recrio uma das poucas cenas da infância recordadas por Helena, atualmente com idade em torno de 60 anos. Muito simpática, bem-humorada, muito inteligente, culta, sempre com um sorriso angelical, dois anos de atendimento comigo: aluna excelente numa escola de crianças mais pobres, comandava uma bagunça radical durante as aulas, o que impossibilitou o bom andamento do ensino e o aproveitamento dos outros. A mãe, chamada para entrevista com a diretora, indagou sobre o rendimento escolar do resto da turma e obteve como resposta: “Enquanto sua filha brilha nas notas, as outras crianças, exatamente pelo que lhe expus, fracassam”. “Então” retrucou a mãe “chame os responsáveis pelos outros alunos”.

Não encaro, é claro, esta cena como um desencadeante, nem como uma causalidade determinante, mas como um recorte das suas associações com valor de um paradigma que norteou o funcionamento subjetivo da paciente durante sua vida. A cena, narrada sem crítica, mas ao contrário, com orgulho, é apresentada como prova da grande proteção sob a qual viveu durante sua infância. E condensa uma série de elementos cujos desdobramentos listo a seguir:

1. Reafirmação da onipotência narcísica da paciente, escudada pelo seu alto rendimento intelectual.
2. Isenção de responsabilidade e, num certo sentido, de culpa, nos inúmeros impasses pelos quais passou em sua vida, como que preenchendo um modelo de vitimização sem implicação subjetiva por seus atos. Nunca em seus relatos se esclarecem a sua participação nas crises do casamento, nos impasses com a autoridade nas faculdades que cursou, nos empregos de onde foi despedida após suposta “total dedicação”, nas atitudes impacientes e quase hostis para com seus professores.
3. A permanência teimosa em seu imaginário de uma mãe toda poderosa, dona da lei e das regras, mas que parece nunca mais ter sido reencontrada. Apesar disto ela é como que pressuposta em sua fantasia, pois se surpreende com ingênua estupefação nas situações em que se sente injustiçada, como se a mãe, devesse estar lá para protegê-la.

Não aciona, como mencionei acima, nenhuma defesa mais adequada para mudar, superar ou enfrentar as suas dificuldades profissionais, conjugais ou cotidianas; sempre reclama, mas tenta, através da recusa, sustentar sua inteireza

narcísica e a sua excepcionalidade intelectual. Há como que uma certa atualização da antiga bagunça na comunicação comigo, pois “zapeia” com ligeireza os assuntos, nunca se deixando pegar ou permitindo aprofundar o que se passou. Nos seus habituais comentários musicais no início ou fim das sessões, costuma cantarolar a letra de Zé Kéti: “podem me prender, podem me bater, mas eu não mudo de opinião.” Podem tentar lhe destruir ou ferir, mas segue rigidamente aderida à imagem da filha brilhante que estará sempre certa.

Acrescento uma ilustração breve de suas expectativas no jogo transferencial, dizia: “quero emagrecer, mas não tomo remédios, não vou fazer exercícios e não vou fazer regime.” Quando perguntei como isso seria possível, riu, apontou o dedo para mim e com malícia infantil exclamou: “com sua magia!”

Em breves momentos em que sua defesa fraquejou, evocou uma situação em que teve que lidar com uma ferida na cabeça da filha. Seu relato: “Minha maior dor era ver que o ferimento significava que minha filha já não era um bebê protegido das coisas ruins da vida, dos ataques, do sangramento e dos sofrimentos. Tinha se tornado vulnerável!”. Mas rapidamente se recompõe, retoma seu sistema defensivo habitual, continua a tentar, através da recusa, reencontrar um estado narcísico de completude, a crença mágica numa mãe onipotente e salvadora e a restauração de um bebê invulnerável às feridas da vida. Várias vezes menciona seu horror ao verbo “aceitar”, tomado como sinônimo de submissão, tudo isso traduzindo sua defesa ardorosa da onipotência.

Após interrupção de uns cinco anos, Helena volta à análise comigo. Retorna derrotada, deprimida, pessimista com a vida e com o mundo. A morte da mãe, a proximidade da velhice, a falência e a fragilidade de alguns aspectos de sua saúde parecem abalar a rigidez de suas defesas e de suas promessas imaginárias. Chorosa exclama: “na verdade eu não sei o que perdi!” Talvez aí se abra uma porta para a análise.

Reafirmando o caráter relacional destacado anteriormente, volto a citar Mannoni: “as crenças” diz ele “supõem o suporte do outro”. Nos três casos, em graus diferenciados, o território do “mas mesmo assim” se faz presente; e este é alimentado por figuras poderosas que incentivam a instalação de ilusões onipotentes, mesmo que estas contradigam os limites impostos pela realidade. Cabe aqui a reflexão de Granoff e Perrier (1991), ambos admitem que o fetichismo não existe na mulher sob a forma da construção de um objeto de fetiche. Mas destacam que a mulher pode se tornar, ela própria o fetiche, em especial numa relação de caráter erotomaniaco com o filho. Na condição de mãe, ela se constrói como um ídolo

onipotente – entenda-se, como uma espécie de fetiche. Ao filho, nada lhe faltará ... as vinhetas bem o ilustram!

É sabido que o ideal do ego é herdeiro do eu ideal. Quando este último é inflacionado ou teve dificuldade em ser constituído, o movimento no sentido de mantê-lo ou recriá-lo é grande. Abelardo tenta uma recriação, Helena sua manutenção. Mãe salvadora, que sustenta um ideal regressivo, somado a uma função paterna falida (*pãe* fálico igual a mãe fálica) é fórmula, se não infalível, ao menos favorável à recusa.

Abelardo oscila conflituosamente, às vezes conseguindo se afastar da sedução imaginária, talvez devido a recursos mais sólidos do seu eu, talvez devido aos anos de análise que possui.

Helena, um enigma. Mas o contato com as perdas acima mencionadas poderá orientá-la para um reposicionamento de suas defesas... quem sabe?

Já Alcides, depois de alguns meses, abandonou o tratamento para se submeter a um processo de “*coaching*” onde, em suas palavras, pretende descobrir sua verdadeira vocação.

Algumas indicações sobre o manejo

Algumas poucas e rápidas palavras sobre o manejo clínico: Lebrun, fiel à importância da função paterna, dada a orientação francesa de seu pensamento, surpreende ao afirmar que nos casos em que o mecanismo da recusa predomina, “a intervenção do terapeuta a partir do regime paterno não produzirá nenhum efeito” (2008, p. 291). E acrescenta “só resta uma única via operante, é preciso consentir em passar pela proximidade com o regime materno, aceitar remeter em espelho o que organiza o sujeito e refazer o caminho que leva aos impasses que ele encontrou com suas derivas e suas errâncias”. Traduzindo para uma linguagem winnicottiana, ousaria dizer: aceitar a regressão do eu durante a análise, manejar as diversas facetas da dependência e o retorno ao tempo e espaço da constituição do trauma para dar condições para algum nível de integração e possibilitar o processo de simbolização.

Em termos práticos, acrescentaria um cuidado para um afastamento do analista das argumentações que valorizam os aspectos da realidade que o paciente tão bem domina. Ele tem um saber sobre ela, como postula Mannoni. A abordagem então deverá se concentrar, com delicadeza, na magia da crença, na sua sedução, nas promessas onipotentes que teimosamente se

mantêm blindadas frente à possibilidade de serem perdidas. Ênfase com delicadeza, pois o caso Helena demonstra com eloquência o que essas perdas podem acarretar.

Não tanto em Alcides, não houve tempo para constatar, mas nos outros dois casos o fantasma de uma depressão severa – presente também em alguns momentos na análise de Abelardo – expressa bem que a adesão a essa defesa tem uma forte razão de ser. A propósito, não poderia deixar de citar o sugestivo título do livro mais recente de Nasio: *A depressão é a perda de uma ilusão*.

Aponto também para uma atenção especial aos processos contratransferenciais, já que a teimosia, a insistência em fantasias que contrariam às vezes tão abertamente a realidade e até mesmo o senso comum, podem despertar: impaciência, um sentimento de impotência ou um movimento no sentido de desistir do caso. Roussillon adverte:

De nada serve esperar com paciência que o que trabalha o sujeito venha à luz numa representação, isso só pode perdê-lo um pouco mais, afastá-lo; é preciso tomar a iniciativa, construir a cena do laço, a cena em que a questão do laço com o que se cliva pode ou vai poder ser representada e encontrar uma identidade (1999, p. 55).

Para finalizar, sinalizaria também, pelo exposto acima, que esse tipo de defesa, mais do que as outras, tem o risco de acionar no analista, consciente ou inconscientemente injunções superegoicas no sentido de avaliar como “erradas, más ou inadequadas” as manifestações do paciente. Como enfatiza Roussillon (2012, p. 130) “o clínico não pode perder de vista que o sujeito tem suas razões (aliás como todos) para ter se estruturado desse modo e de que sua situação atual tem um sentido”, mesmo que obscuro para ele, sentido a ser desvelado durante o processo analítico.

Tramitação

Recebido 05/01/2024

Aprovado 09/01/2024

Referências

BASS, A. *Difference and disavowal: the trauma of Eros*. Redwood: Stanford University Press, 2000.

- BLEICHMAR, H. La renegación. La defensa frente a la angustia y la represión. In: _____. *Introducción al estudio de las perversiones*. Buenos Aires: Helguero Ed., 1978.
- CHEMAMA, R. A fobia e a questão da perversão. In: MELMAN, C. et al. *A fobia*. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.
- CHREIM, V. *Dimensões da recusa*. São Paulo: Ed. Blucher, 2021.
- FERRAZ, F. C. A recusa do tempo. In: _____. *Tempo e ato na perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FIGUEIREDO, L.C. A Verleugnung. A desautorização do processo perceptivo. In: _____. *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. (Obras completas, 12).
- _____. (1921). *A psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. (Obras completas, 15).
- _____. (1927). *O fetichismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2022. (Obras completas, 17).
- _____. (1938). *Compêndio de psicanálise*. São Paulo: Cia. das Letras, 2022a. (Obras completas, 19).
- _____. (1938). *A cisão do eu no processo de defesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2022b. (Obras completas, 19).
- GRANOFF, V.; PERRIER, F. *Le désir et le féminin*, Paris: Aubier, 1991.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- LEBRUN, J. P. *A perversão comum*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.
- MANNONI, O. Ya lo sé, pero aun así... In: _____. *La otra scena*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1979.
- MELMAN, C. O nó borromeu na fobia. In: MELMAN C. et al. *A fobia*. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.
- PENOT, B. *Figuras da recusa*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PEREIRA, M. E. C. A psicopatologia do pânico à luz do desamparo. In: _____. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 1999.
- RABANT, C. *Inventer le réel: la déni entre la perversion et la psychose*. Paris: Hermann, 2011.
- ROUSSILLON, R. *Agonie, clivage e symbolisation*. Paris: P.U.F., 1999.

_____. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2012.

ROUSSILLON, R. *et al. Manuel de psychologie et de psychopathologie clinique générale*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson, 2018.

WULF, M. Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância. *Percurso*, v. 40, ano XXI, junho, 2008.